



10º Congresso de Pós-Graduação

RESENHA DO LIVRO: ORIENTADORES EM FOCO - O PROCESSO DA ORIENTAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES EM EDUCAÇÃO DE ROSELI SCHNETZLER E CLEITON OLIVEIRA.

Autor(es)

GILBERTO BRANDAO MARCON

Orientador(es)

LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

1. Introdução

Quanto ao objeto de estudo no citado livro, sua problematização se associa ao seguinte questionamento: se a orientação é ponto fundamental no exercício do trabalho de pesquisa e do qual o orientador é partícipe em seu movimento de construção, então por que não é assunto obrigatório em todos os programas de pós-graduação das universidades brasileiras? (JACI IN SCHNETZLER & OLIVEIRA, 2010, p.09). Historicamente, o atual sistema de pós-graduação foi fundado entre 1965 a 1970, não surgindo espontaneamente, mas por conta da intervenção do Estado. Inicialmente foi voltado à formação de docentes visando à expansão do ensino superior. Mais tarde, a partir de 2005, passou-se à valorização da pesquisa e da formação científica, acompanhando nova política do CAPES, de linha quantitativa e produtivista, em que produzir e publicar passam a ser a meta principal. Atualmente já existem críticas quanto à capacidade de tal ordenação suprir adequadamente os critérios de qualidade. O modelo brasileiro sofreu dupla influência. Do francês em que: os trabalhos se desenvolviam de forma bastante isolada, [...] orientador e orientando agindo por conta própria, cada qual buscando os seus próprios interesses, com seus próprios recursos (LÜDKE, 2005, p.121 In SCHNETZLER & OLIVEIRA, 2010, p.60). E do norte-americano, em que: a vida de estudantes e professores literalmente se passava no campus, com intensa interação [...] com condições materiais e de serviço para dar suporte a essa interação (IBDI). No Brasil, tem-se uma espécie de interação dos dois modelos, nem a grande autonomia do francês, e nem a grande interação dos norte-americanos. Quanto à relevância acadêmica, o livro dedica: sua temática e problemas provocadores de profunda reflexão e implicação pessoal, especialmente a orientadores e orientandos (SGUISSARDI IN SCHNETZLER & OLIVEIRA, 2010, p.12). Trata-se do desafio de refletir sobre o processo da orientação como prática docente, a partir do cenário da pós-graduação do país (SCHNETZLER & OLIVEIRA, 2010, p.23). O professor Valdemar Sguissardi, autor do prefácio da citada obra, identifica com clareza a sua relevância, mostrando que: na ausência quase completa de atividades regulares de formação didática do professor universitário, aqui no caso da formação para orientação, também prevalece a equívoca convicção generalizada de que basta o domínio científico de um campo do saber para um correto e bom desempenho nas complexas ações do professor-orientador (SGUISSARDI IN SCHNETZLER & OLIVEIRA, 2010, pp. 11/12). E vai além, à medida que identifica como: se ignora algo essencial nas relações de orientação, [...]: a maturidade pessoal e intelectual, e o equilíbrio emocional do orientador (IBID). Quanto ao suporte teórico utilizado pelos autores para refletir em torno da pesquisa, buscaram: algumas obras de Vigotski, Winnicott e Bourdieu [...] que pudessem auxiliar a construir e interpretar melhor os dados. Isto implicou a necessidade de se estudar e discutir alguns textos desses autores (SCHNETZLER & OLIVEIRA, 2010, pp.50/51).

2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é produzir resenha do livro: Orientadores em Foco: O Processo da Orientação de Teses e Dissertações em Educação, dos professores do PPGE da UNIMEP, Roseli Pacheco Schnetzler e Cleiton de Oliveira, que se refere a pesquisa produzida em torno da questão da não-existência formal de uma ou mais disciplinas que preparem os futuros orientadores, e que num

primeiro olhar verificasse ser um saber constituído na relação entre aquele que é atualmente orientador, na época em que era ainda orientado. O livro por si só é bem organizado e sucinto, porém, sua temática é em sentido inverso, é ampla demais e convida para maior fôlego da discussão. Mas então, o porquê da resenha? Dois motivos: o primeiro é fazer do mesmo alvo de participação de Mostra Acadêmica, o que permite que sua temática esteja em foco. O segundo é que não se trata de resumo, mas de resenha, que terá por característica de um lado não se ater unicamente ao setor da Educação, pois embora este seja o segmento adequado para a reflexão, a questão apresentada é geral de todos setores da formação acadêmica, de forma que esta resenha quer manter o essencial e atuar como convite à leitura da obra original dentro do necessário e reflexivo espírito acadêmico, como que uma contribuição auxiliar na divulgação deste trabalho, no sentido que venha a produzir novos frutos.

3. Desenvolvimento

Quanto ao método utilizado, os autores esclarecem: sumarizamos o processo de desenvolvimento da investigação realizada sobre a orientação de teses e dissertações e [...] descrevemos critérios e procedimentos metodológicos nelas adotados (IBDI, p.39). A amostra pesquisada foi constituída por cinco professores orientadores do PPGE/UNIMEP, três com experiência superior a 20 anos e dois com cinco anos na área de Educação. Professores em tempo integral, acrescidos das atividades de pesquisas e publicação. Foi produzido um roteiro de entrevista a partir da autorreflexão na vivência em orientação de trabalhos monográficos dos professores e dos doutorandos. Segue-se debate em seminário, chegando-se a um número definitivo de 30 perguntas voltadas ao dia-a-dia da relação entre orientandos e orientadores, num quadro de normas e procedimento ajustados ao senso científico. A hipótese ou presunção que se adota é que ao conquistar o seu título o docente está pronto para orientar, e neste caso, em não havendo uma disciplina específica neste sentido, a conclusão a que se chega é que tal capacidade teria que ser formada por conta da vivência do agora titulado, na sua relação orientado-orientador e interações ao longo do curso, enfim, aprende-se pela vivência no processo educacional. O livro se desenvolve em torno de uma dualidade proposta à pós-graduação, atualmente voltada para a formação do pesquisador científico, (em parte visando a suprir a insuficiência deste aspecto quando da graduação) e a expectativa que também, ao concluir tal estágio, o pós-graduado passe a ser capacitado à orientação, sem que exista uma estrutura pedagógica formal destinada a tal preparação. Ou seja, existe formalmente o preparo para pesquisar, então se espera que isto leve a que aquele que recebeu tal preparo também saiba orientar. Não por acaso que a primeira pergunta proposta aos orientadores que responderam à pesquisa associada à publicação do livro em resenha tenha sido: Como aprendeu a orientar? O ponto em comum em resposta deu-se em torno da diversidade de situações onde se insere o par: orientador e orientado, e a resposta vai no sentido de que: são situações geralmente imprevisíveis, uma vez que se desenvolvem a partir de interações entre diferentes sujeitos, com distintas concepções e histórias de vida, presumindo relações heterogêneas de orientado com orientando (IBDI, 2010, pp.65/66). Não se trata de um vínculo de cunho puramente objetivo: entre orientadores e orientados no interior dos programas de pós-graduação ou por meio de atividades entre diferentes programas ou núcleos de pesquisa, além de ações políticas institucionais e/ou governamentais. Desta forma, as construções oriundas desses processos sofrem variações caso a caso (IBDI, 2010, pp.65/66). O número de variáveis envolvidas implica concluir na especificidade de cada orientação, em que pese, é claro, haver pontos comuns entre umas e outras. Entretanto, não se trata de processo burocrático e sim contingencial, onde o conhecimento e experiência adquiridos e novamente colocados frente ao desafio de nova vivência. De modo que é de se concluir que, em que pesem pontos comuns na formação de cada orientador, será natural encontrar especificidades por conta das contingências distintas.

4. Resultado e Discussão

A hipótese proposta para questionamento confirma-se, o processo de orientação planejado objetivamente, seu aprendizado se associa antes à vivência acadêmica. Assim, a orientação e a docência: são consideradas no cenário da pós-graduação como predicativos do pesquisador, sem, no entanto, servir de referencial ao percurso de formação deste profissional. (IBDI, 2010, p.61). Quanto à discussão proposta a partir do conjunto teórico identificado na introdução, tem-se o estudo de De Vigotski, concluindo que, portanto, o papel de mediador do outro tem sua importância não só na aprendizagem e produção de conhecimentos sobre o processo de orientar, como na própria constituição do orientador (a) e do (a) orientado (a), futuro (a) orientador (a) (SCHNETZIER & OLIVEIRA, 2010, p.52). De Winnocott, temos que: considera que o sujeito se constrói e evolui a partir das formas mais absolutas de dependência para formas mais relativas, rumo à independência que, por sua vez, será sempre relativa. [...] não existe eu que se constitua sem o outro, não podendo haver aluno sem professor, tampouco orientando sem orientador (IBDI, p.53). Portanto: a concepção de que é no espaço da relação eu e o outro que se constrói a subjetividade descentrada de si mesma. (IBDI). De Bourdieu, temos que o processo da orientação visa a introduzir o iniciante o orientando no campo científico [...], com vistas a perpetuar este campo, segundo regras, normas e procedimentos definidos pelo habitus daqueles que nele labutam e competem (IBDI, p.55). Do que se conclui que na relação orientador-orientando muito do que é trocado e ensinado visa a capacitar o futuro orientador no habitus da área que garante a produção e manutenção da mesma (IBDI). Identificada a questão no plano teórico, há que se buscar o resultado de tal avaliação. Neste sentido, reafirmando a percepção inicial tem-se que: apoiados nos resultados desta experiência, podemos afirmar que a formação de futuros orientadores em programas de doutorado em educação precisa estar centrada em ações ou atividades que incentivem ou que estejam pautadas no coletivo, contrariando a tônica exclusiva do individualismo que a vem caracterizando (IBDI,

p.58). A construção deste preparo ecoa nas vozes dos orientadores que compõem a amostra: sugerem que suas aprendizagens emergiam das relações sociais, com seus ex-orientadores, com colegas de mestrado e doutorado, com orientados, como os colegas professores de programa de pós-graduação e no exercício da pesquisa (IBDI, p.71). Ao analisar as informações obtidas na pesquisa em torno da citada amostra, estas: sugerem a complexidade de tal processo, ao mesmo tempo em que explicitam a pequena ou nenhuma atenção com o seu aspecto formativo. Deixam evidente que não existem iniciativas claras ou preocupação objetiva com a formação do orientador (IBDI, pp.68/69). E mais do que isto: apontam o debate pouco consistente que problematize esta atividade dentro dos programas de pós-graduação (IBDI, p.69). Ou seja, ao menos objetivamente a situação ainda não vem sendo adequadamente enfrentada, de modo que a capacitação continua a ocorrer pela vivência no processo. O que se conclui é que é na própria vivência do processo de pesquisa que se acaba por construir a futura capacidade para orientar. Ainda que não intencional, como que de modo natural, esta, associada às formas coletivas de orientações através de seminários de pesquisa e bancas de avaliação e análise é que ajudam o processo de orientação. Pressupõe o encontro de processos de trabalhos, de convicções diferentes (SCHNETZIER & OLIVEIRA, 2010, p.63). Será este um processo interativo: de orientadores que com seus orientados dividem lugar de constituição do processo de construção da pesquisa. [...] orientadores dialogam de forma coletiva com seus pares [...] e seus orientados (IBDI, pp.63/64).

5. Considerações Finais

O professor Sguissardi deixa claro em sua análise da obra que o caminho a ser buscado em direção de uma solução passa pelo uso de estudos de psicologia e psicanálise, sendo que a relação professor/aluno e, por extensão, a relação de orientação é um espaço privilegiado de reprodução das relações familiares, pais/filhos, autoridades/subalternos, eventualmente traumáticas se não trabalhadas de modo adequado (SGUISSARDI IN SCHNETZIER & OLIVEIRA, 2010, p.12). É dessa forma que a imaturidade emocional ou insegurança do professor-orientador, no seu ato de orientar, pressionado pelos prazos curtos e exigências do modelo de avaliação da pós-graduação oficial em vigor, talvez seja a principal causa da prolongada dependência ou falta de autonomia dos orientados em relação ao orientador (IBDI). O que adicionado à pressão produtivista acadêmica que parece delinear as metas atuais cria terreno rico para ansiedade e frustração. Afinal, o que se tem é uma relação entre dois sujeitos com suas respectivas características, de forma que o que pode dar certo em um caso, não implicará o sucesso em outro. Embora possam identificar-se fatores objetivos, a orientação estará impregnada pela interação entre os sujeitos: orientado e orientador, em torno da qual se processam os questionamentos e reflexões deste estudo. Com isto, destaca-se a: importância do outro e da emotividade intrínseca às interações humanas em processos de aprender a orientar e ser orientado dentro de um determinado campo científico [...] com regras, atitudes e procedimentos próprios aos que a ele se dedicam e que configuram o habitus (IBDI, p.50), que por seu lado se refere a um campo integrado em específica configuração política, social e cultural. Assim, o desenvolvimento do orientador depende da contínua vivência neste meio. É um aprender fazendo, via relações entre os participantes da vida acadêmica, o que envolve troca de conhecimento e experiência, promovendo possibilidade de contínuas reflexões e eventuais alterações. Na relação entre sujeitos envolvidos não há padrão específico; quando muito algumas tendências de linha qualitativa e quantitativa que permitem diferenciar um trabalho do outro. É uma atividade que tem produção, mas que se associa ao estado de arte, tal qual ocorria com as relações pré-capitalistas entre o mestre artesão e o aprendiz. Não há como desconsiderar os aspectos do arbítrio humano ligados à imprevisibilidade que afrontam a mecanicidade que permitiria a efetiva objetividade. Por outro lado, existem aspectos objetivos relacionados ao método de construção do conhecimento científico; eis um ponto onde o controle da situação pode se mostrar mais estável, pois fica mais claro o que está dentro e o que está fora da regra, ou seja, tais aspectos são passíveis de uma orientação no sentido de aprendizado. Fica em aberto a questão de haver uma possibilidade de se pensar em uma disciplina quanto à formação de orientadores, mas desde já fica claro que existem claras dificuldades, e que por melhor que venha ser, haverá espaços que possivelmente acabarão ainda por gerar aspectos imponderáveis nesta relação.

Referências Bibliográficas

SCHNETZLER, R.P. & OLIVEIRA, C., Orientadores em Foco: O processo de orientação de teses e dissertações em educação. Brasília-DF: Liber Editora, 2010.

SEVERINO, J.S., Metodologia do Trabalho Científico, 22ª ed., São Paulo: Cortez Editora, 2002